

De afeições e tempo em *Boa noite, Senhor Soares*

Viviane Vasconcelos
(Universidade Federal Fluminense)

São muitas as impressões que resultam da leitura da novela *Boa Noite, Senhor Soares*, do escritor português Mário Cláudio, publicada no Brasil em 2009. A primeira e mais evidente está relacionada ao diálogo que a narrativa constrói, desde o título, com o semi-heterônimo de Fernando Pessoa, o enigmático Bernardo Soares.

Desperta-nos interesse pensar na referência ao poeta português através de Bernardo Soares e do *Livro do desassossego*. A narrativa de Pessoa é composta por um conjunto de fragmentos que se desenvolve sob a voz de Soares, um ajudante de guarda-livros que vive solitariamente em um quarto na Baixa, em Lisboa, próximo ao seu trabalho. O cotidiano de Bernardo Soares se amplia com as impressões sobre o mundo que o cerca, sobre o que ele observa e vivencia no dia a dia aparentemente normal da sua "autobiografia sem fatos" que resolve narrar: "Não há diferença entre mim e as ruas para o lado da Alfândega, salvo elas serem ruas e eu ser alma, o que pode ser que nada valha, ante o que é a essência das coisas" (fragmento 3).

Soares reforça constantemente nos fragmentos o tédio e a melancolia que se notam quando o que existe é apenas a experiência do silêncio e da rotina que se sucedem progressivamente: "Há um destino igual, porque é abstrato, para os homens e para as coisas – uma designação igualmente indiferente na álgebra do mistério" (fragmento 3).

A ideia de fragmento prevê algo partido, desconexo, solto. Essas frações que formam o livro de Pessoa servem aos diversos sentidos dos fragmentos que não se propõem a falar de uma possibilidade ou a nos oferecer alento. O livro propõe a inquietação que se instaura no *desassossego*, um desconhecimento quase proposital que resulta da busca por um livro que parece não terminar. A inconclusão do livro é anunciada desde o início: "Sabemos bem que toda a obra tem que ser imperfeita, e que a menos segura das nossas contemplações estéticas será a daquilo que escrevemos. Mas imperfeito é tudo (...)" (fragmento 1).

O escritor Mário Cláudio vem, há anos, produzindo uma ficção em que realiza um diálogo entre as suas obras e as de outros artistas, entre eles, alguns escritores, a exemplo do que faz em *As Batalhas do Caia*, romance que parte do conto de Eça de Queirós, "A Catástrofe", para recriá-lo por meio de citações diretas. O texto de Eça seria o esboço de um romance nunca publicado que teria como título *A Batalha do Caia*.

No caso de *Boa Noite, Senhor Soares*, o escritor também desenvolve uma literatura de citação e escolhe *O Livro do Desassossego* para inventar uma nova história. Mário Cláudio, ao que tudo indica, não pretende apenas reinventar Bernardo Soares, mas trazer ao espaço da narrativa a

possibilidade de se fazer ficção da ficção por meio, por exemplo, da apropriação das personagens da narrativa pessoana. Estão na novela o chefe Vasques, o caixa Borges, o guarda-livros Moreira, e o inocente António, que será o narrador do texto de Mário Cláudio e quem desenvolverá um fascínio pela personalidade reservada do senhor Soares. O texto de Mário Cláudio, além de recuperar personagens pessoanas insere outras: a irmã de António, Florinda, a sobrinha Mimi, o cunhado Gomes, a sogra de sua irmã, Celeste, e o irmão de seu cunhado, Serafim. Mário Cláudio acrescenta ainda a António um sobrenome, *da Silva Felício*.

Consciente de um tempo em que a melancolia esteve presente em todos os lados, o narrador conta a sua história cinquenta anos depois de a ter vivido, como um cronista que relembra a cidade de Lisboa dos anos 30 do século XX, época de plena ditadura salazarista, fazendo descrições das ruas, dos lugares por onde passa, dos dias: "Voltávamos para casa, e havia uma grande tristeza na cidade. O calor afugentava das ruas os lisboetas, atirados para a penumbra dos seus quartos, a mutuar no dia seguinte que seria de trabalho, igual aos da semana anterior, e da próxima" (CLÁUDIO, 2009, p. 41). Algumas dessas recordações suscitam reflexões sobre os lugares que percorreu e que somem fisicamente com a passagem do tempo, mas que não se desfazem em sua memória: "E as casas de Lisboa, aquelas que conheci, onde vivi, ou que visitei, o que lhes terá acontecido?" (CLÁUDIO, 2009, p. 57)

A paisagem urbana construída por António, a vida monotóna das personagens, os lugares que percorre, o contraste entre a pobreza e a riqueza percebido dentro da família do próprio narrador são reflexos de um tempo que Bernardo Soares teria vivido e descrito nas páginas do *Livro do Desassossego*. Esse jogo narrativo em que o exercício intertextual aponta para uma abordagem da narrativa também sob o ponto de vista histórico, nos leva a uma aproximação maior entre Bernardo Soares e António. Podendo ser lido como uma sombra que dialoga permanentemente com o narrador de Mário Cláudio, Soares parece conferir a António a sua maneira de perceber o mundo através das sensações. António recolhe as pistas do misterioso Bernardo Soares por meio de um descontentamento com o qual observa Lisboa e todas as marcas do cotidiano impreciso que é o reflexo de uma atmosfera social e política conturbada.

Uma certa descrença na vida, também resultante de uma época de incertezas e sem esperanças, pode ser identificada na submissa figura de Florinda, irmã de António, cuja fraqueza é exposta na sua caracterização física e na forma oprimida com que se submete às regras do marido Gomes e da sogra Celeste. A vida sufocada também pode ser constatada na dedicação com a qual se empenha na dedicação com a qual se empenha em viver seu cotidiano monótono, como se nota na observação feita por seu irmão: "trabalhava como uma moura" (CLÁUDIO, 2009, p. 34).

O tempo, que se desdobra em muitas imagens e sensações, está presente em muitos momentos da narrativa, sobretudo nas passagens em que António se lembra nostalgicamente do seu passado: "recordei-me então, ao escritório à procura do amigo" (CLÁUDIO, 2009, p. 40), trecho em que António tem contato com Ricardo Reis, amigo de Soares.

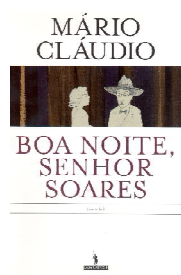
O tédio provocado pela repetição dos dias aumenta em António com o passar do tempo, como ocorrera com o enigmático Soares, de condição solitária e, conseqüentemente, instigante. O protagonista de Mário Cláudio se utiliza daquilo que em Soares parece ser ausente, para convocá-lo a

participar de suas pequenas viagens e análises que conhecem as fronteiras de Lisboa, mas são capazes de produzir inúmeros mundos e histórias. Para isso, António aprende primeiro a perscrutar o universo de Soares em seus detalhes: na forma como roça o braço nos empregados do escritório, na maneira como observava com um óculo milhares de estrelas. Exemplo disto se encontra quando António se espantava com as atitudes do senhor Soares, analisando toda a cena da qual era protagonista: “havia momentos mais raros em que o senhor Soares nos causava bastante sobressalto, atirando de repente com a caneta para a secretária, e divertindo-se a vê-la rolar pelo declive do tampo” (CLÁUDIO, 2009, p. 29).

É interessante observar que, à medida que a narrativa se desenrola, a visão de António também se altera, principalmente porque na sua relação com o senhor Soares não está presente somente o apego, a admiração, mas algo que vem de Soares que o comove, produzindo nele uma extensão do semi-heterônimo. Em um dos sonhos que António tem com o senhor Soares, várias imagens são descritas pela personagem: o poeta que anda pelo Jardim da Estrela, cisnes que são contemplados por Soares, o soldado que é observado por ele, uma criança. Por fim, António conclui: “E tudo isto de mistura na minha visão, não sei bem porquê, com um romance ancestral, em cujas linhas intervêm Hamlet e Ofélia, heróis do grande Skakespeare, que só conheço de ouvir falar” (CLÁUDIO, 2009, p. 64).

Aos poucos, o senhor Soares parece se aproximar de António por meio de gestos delicados, inocentes, condizentes com a figura do jovem, a saber, quando presenteia o aprendiz de caixeiro com um barquinho de papel com o nome do rapaz. Soares se torna uma espécie de mestre, homem dotado de um saber fundamental que fora aos poucos sendo transmitido a António: “(...) eu conferia ao senhor Soares a missão que nunca professor algum desempenhara a meu favor, a de explicar ao moço simples que eu era, (...) quanto de facto me importava decifrar sobre os mistérios da Terra.” (CLÁUDIO, 2009, p. 75).

No desassossego do tempo, do espaço, de Soares, encontra-se a simplicidade de António, inocência que se une a um enternecimento latente pela figura do poeta. Aliás, a importância de um olhar simples sobre os rastros deixados por uma vida em desassossego é anunciado ainda na epígrafe, em um verso do poeta romântico inglês Shelley: “Youth will stand foremost ever”, em português, “A juventude permanecerá para sempre, acima de todos”. A incerteza do *Livro do desassossego* parece estar também presente no “Até sempre” (CLÁUDIO, 2009, p. 81) dito pelo senhor Soares a António quando a personagem se despede do jovem e, ainda, nas linhas finais, quando António anuncia o nascimento do seu neto mais novo: “ficará a chamar-se Bernardo” (CLÁUDIO, 2009, p. 99). Prevalece até o final a eterna novidade que existe na narrativa que se reiventa trazendo nas últimas palavras a inconclusão própria da atmosfera pessoana.



CLÁUDIO, Mário. *Boa Noite, Senhor Soares*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

(Recebido para publicação em 26/05/2010, Aprovado em 24/06/2010)